

*Uma Cosmvisão Protestante*¹

por

Gordon Haddon Clark

Os novos relatos do último censo religioso continham alguma informação significativa, se não encorajadora. No geral, o crescimento na membresia da igreja não manteve o ritmo do crescimento da população; mas os Luteranos mostraram o maior crescimento proporcional entre todas as denominações Protestantes, e os Romanistas mostraram o maior crescimento proporcional de todas as organizações religiosas.

Em vista das superstições e das práticas idólatras do Romanismo, repugnantes para uma era iluminada; em vista da história obscura do Romanismo, com suas perseguições e massacres, repugnantes para a simpatia humana; e em vista da lealdade a um Pontífice estrangeiro que afirma ter poder espiritual e terreno, algo repugnante para o Americanismo histórico; poderia ser proveitoso especular sobre as causas da crescente força do Romanismo nos Estados Unidos da América.

Alguém não cometerá um erro ao buscar uma variedade de causas. A simples força dos números – o ímpeto da progressão geométrica, por assim dizer – indubitavelmente produz um efeito considerável. Há um poder na multidão que atrai a uma multidão ainda maior, e quando multidões entram e saem de uma grande catedral, as pessoas se sentem mais inclinadas a seguir a multidão do que gerar a força necessária para assistir à uma congregação pequena. Há poder político nas multidões; há dinheiro para ser gasto onde se fará o maior bem; e no Romanismo há uma organização mais eficiente para dar direção consciente a esse poder. Dois itens testificam a veracidade disso: Primeiro, segundo uma análise de três meses de duração, dentre cinquenta e seis periódicos importantes, o Romanismo obteve 26,8% de espaço do diário, devotado a notícias religiosas, e a segunda porcentagem mais alta, a do Metodismo, foi de 9,7%. E em segundo lugar, o Presidente dos Estados Unidos, violando um princípio fundamental da nação, designou um embaixador para o Papa.

Por razões mui óbvias, denominações tais como a Igreja Presbiteriana Ortodoxa nunca serão capazes de ganhar sabedoria Maquiavélica imitando os procedimentos sugeridos. Porém, a organização e o poder dos números, ainda que sejam elementos da situação e elementos que não devem ser desprezados,

¹ Discurso de graduação pronunciado no Seminário Teológico de Westminster, Filadélfia, em 06 de Maio de 1941, publicado na *The Trinity Review*, Abril e Maio de 1979.

não são os únicos fatores. Eles não explicam, por exemplo, a conversão ao Romanismo de uma quantidade de pessoas bem-educadas.

O Cardeal Newman é uma ilustração do século passado. Heywood Broun, se podemos unir esses dois nomes, é uma ilustração desse século. Certamente a organização faz esforços para colocar nos jornais tais exemplos chamativos, e pode haver uma falácia psicológica em se usar nomes ilustres como exemplos das conquistas de Roma nos círculos educados. Porém, existe evidência perfeitamente objetiva de realizações intelectuais suficientes para atrair as mentes influentes. Se fosse examinar a lista de livros, artigos e periódicos publicados por escritores católicos romanos, uma pessoa se assombraria com a abundância de produtividade. Os temas abordados, não confinados à teologia como tal, abrangem a filosofia, a antropologia, a biologia, a educação, a história e as ciências políticas. Nem é a mera quantidade de livros que é significativa. A força de toda essa produção jaz no fato que o Romanismo está atacando sistematicamente todos esses problemas. Quer o autor escreva sobre psicologia ou política, as opiniões expostas e recomendadas são as implicações do sistema Tomista. E pode-se dizer, a propósito, que em geral as discussões são conduzidas mui habilmente. A Igreja Romana, com seu pano de fundo Europeu, com sua consciência do longo passado, com sua disposição a se apressar lentamente, mantém padrões superiores àqueles do Protestantismo tipicamente Americano, quer modernista, quer fundamentalista.

Agora, quando o sistema e a qualidade se combinam, eles causam um tremendo impacto psicológico na sociedade. O Protestantismo, por outro lado, sofre do que poderia se chamar, nos termos mais corteses, de uma qualidade irregular na produção, e o que é pior, de uma ausência completa de sistema. O resultado é que nas sociedades eruditas do nosso país, os oradores Romanos são escutados com respeito, enquanto que os Protestantes ortodoxos são raramente convidados ou talvez não existam. Que nenhum laico nos assentos, que nenhum evangelista no púlpito, cometa algum erro. As várias sociedades eruditas podem não cobrir uma grande proporção da população total; porém suas opiniões, suas honras, e seus desprezos são prontamente compartilhados pela civilização em geral. Se eles dão a impressão que o Romanismo e o modernismo são respeitáveis, enquanto que as perspectivas da Escritura são indefensíveis, grande quantidade de pessoas se sentirá inclinada para uma das duas direções anteriores e influenciadas contra o último estilo de vida mencionado. A obra do evangelista especial e a obra do pastor regular são sensivelmente ajudadas ou dificultadas pela perspectiva intelectual dominante. As pessoas se sentam nos bancos da igreja já pré-dispostas a favor do Cristianismo ortodoxo ou pré-dispostas contra ele. Nos tempos quando a grande maioria da população ao menos pagava um serviço labial à Palavra de Deus, o ministro fiel não enfrentava uma oposição extrema; porém nesses dias, quando os livros, a rádio e os periódicos

geralmente condenam, ridicularizam e distorcem a posição ortodoxa, quando a substituem por outra religião e a adornam com uma fraseologia atrativa, então se multiplicam as dificuldades do ministro do Deus Triuno. Por exemplo, deve ser possível notar prontamente o efeito deteriorante dos artigos sobre religião, oração e o freqüentar uma igreja que têm sido reproduzidos durante o ano passado na *Reader's Digest*. Esses artigos certamente são religiosos, estimulam o freqüentar uma igreja; porém, eles são, apesar de tudo, um ataque sutil ao Cristianismo.

Se, então, a perspectiva dominante de uma sociedade pode ser chamada de sua filosofia, e se essa filosofia popular é o resultado de uma síntese técnica de todos os campos do conhecimento – uma síntese que postula princípios importantes para governar toda investigação particular – uma pessoa não precisa se assombrar que um oficial Romano peça aos Cavalheiros de Colombo fundos para treinar dez jovens filósofos, pois, ele diz, a próxima batalha há de ser pelejada nos campos da filosofia. E o Papado tem o propósito de estar pronto para a batalha. Essa determinação e a produtividade intelectual resultante têm sua fonte numa política de largo alcance conscientemente adotada.

Para os fins do século passado, a igreja Romana estava experimentando a influência desorganizadora do modernismo. Se a hierarquia tivesse permitido que essa influência se propagasse sem ser verificada, poderia muito bem haver a mesma falta de concordância filosófica em Roma que há agora no Protestantismo. Porém, no começo desse século, o Papa Pio X, em sua Encíclica *Pascendi*, e em algumas outras cartas pastorais, condenou o modernismo, e seus advogados foram privados de posições proeminentes. Acompanhando a condenação do modernismo, estava a aceitação da filosofia Escolástica, com o resultado de que hoje os estudiosos Romanos apresentam uma frente muito bem unificada. Eles diferem, certamente, em vários detalhes, mas eles são obviamente Tomistas.

No Protestantismo não existe um maquinário eclesiástico que reforce um sistema particular de filosofia, e esperamos fervorosamente que nunca exista tal maquinário. Até mesmo dentro do círculo limitado de uma única denominação pequena, tal maquinário seria algo tanto imprudente quanto indesejado. Não obstante, deveríamos considerar quais princípios filosóficos básicos serviriam melhor à fé Reformada. Se de maneira individual e espontânea cada um de nós está convencido, pela clareza de seu argumento, que um enfoque filosófico particular é o melhor, nós também, ao continuar nossas discussões e estendê-las a cada campo de pensamento, talvez possamos adquirir uma maior unidade e fortaleza. Seria muito ousado sugerir, nessa ocasião, uma posição básica?

Uma sugestão desse tipo seria um assunto muito sério com implicações de grande alcance, e não deveria ser feita de modo impensado. Por outro lado, alguns podem pensar que tal sugestão não é apenas ousada, mas também desnecessária. Em todo caso, poderíamos estar de acordo que, de todos os sistemas da história, a posição filosófica geral de Agostinho é mais prometedora do que qualquer outra? A escolha de Agostinho como ponto de partida não é feita simplesmente por ser oposta ao Tomismo. Antes, a escolha é feita, ou mais precisamente, a escolha se sugere por uma tênue antecipação de que o filósofo que chegou às doutrinas da graça da Escritura, pode também ter chegado ao seu contexto filosófico necessário. A princípio isso pode parecer uma sugestão audaz; porém, depois pode parecer inútil. Pois alguém que escolhe a orientação de Agostinho caminha por uma estrada mais árdua do que aquele que segue a Tomás. É mais árdua no sentido de que Agostinho quase não é tão explícito quanto Tomás. Esse último obviamente tem um sistema; não é tão claro que Agostinho tenha um. Tomás entra em grandes detalhes; Agostinho deixa muitas perguntas sem responder. Por conseguinte, a orientação pode ser menos explícita, e estamos em perigo de perder nossa estrada; não obstante, se Tomás segue na direção errada, sua instrução mais explícita não provará ser mais benéfica em última instância.

Portanto, o progresso requer por atenção nas dificuldades. Um Agostinianismo moderno deve complementar o ensino de seu pai, desenvolvendo uma enorme quantidade de detalhes. As visões amplas da soberania de Deus – como afetando todas as partes do universo, e a conseqüência de que a ciência e a teologia formam um só sistema, organizado e inteligível, são tanto inspiradoras quanto necessárias; porém, a única prova de que eles são capazes é sua aplicação aos detalhes da física, da psicologia, da educação, da política e de tudo o mais. Um agostiniano deve se guardar com vigilância para evitar a acusação que Hegel fez contra os romancistas: “Mas se olharmos mais de perto para esse sistema expandido”, disse, “veremos que ele não tem sido alcançado por um e o mesmo princípio que toma forma de diversas maneiras, que é aplicado de uma forma externa à diferentes assuntos, a tediosa reiteração dele mantendo a semelhança da diversidade. A idéia, que por si mesma é, sem dúvida, a verdade, realmente nunca avança além de onde começou, enquanto que o seu desenvolvimento consiste de nada mais do que uma repetição da mesma fórmula”.

Platão, em *Philebus*, expressa o mesmo pensamento ao advertir que o estudante não deve saltar de um ao infinito e dali voltar novamente. A unidade básica deve ser cuidadosamente dividida e subdividida antes de alcançar a multiplicidade da individualidade. Portanto, para ter qualquer efeito amplo sobre o mundo educado, os aderentes da fé Reformada devem dar aplicações detalhadas de seus princípios aos problemas particulares.

Tomemos vários exemplos, não de toda a esfera da investigação acadêmica, mas meramente da esfera mais restrita, a da epistemologia. Perguntemos se o Agostinianismo pode responder tais questões como: O conhecimento é resultado de formar um conceito pelo processo de abstração, ou não existe tal processo? A palavra *conceito* é meramente um símbolo para uma idéia concreta embrionária? Ou devemos dizer que somente uma mente preguiçosa se contenta com objetos vagos e pobremente definidos, chamados abstrações? Ou, chegando mais perto do concreto, alguém pode perguntar se na sensação nós vemos uma imagem, talvez na retina, ou se vemos um objeto externo. As perguntas detalhadas sobre outros assuntos – tais como política, educação e estética – são mais convenientemente imaginadas do que mencionadas.

Nessa ocasião de graduação seria descortês, embora certamente menos perigoso, deixar tais questões sem respostas. Qualquer discussão técnica desses problemas envolve uma dificuldade extrema; contudo, para implementar a promessa do Agostinianismo, uma pessoa está obrigada a dizer algo, não importa quão pequeno seja e com quanta cautela se diga.. Por conseguinte, mergulhemos no meio das coisas e ataquemos o problema crucial e molestar da sensação e da psicofísica.

Na história da psicologia moderna, a investigação da relação entre o corpo e a alma tem chegado a um impasse, pois noções subjacentes requerem uma produção mecânica de um estado de consciência. A noção de que um estado de consciência pode produzir uma ação mecânica foi logo cedo considerada como impossível; foi necessário um maior tempo para ver que o processo inverso, do qual a sensação é o exemplo principal, é igualmente impossível. Por essa razão o epifenomenalismo,² que sustentava a impossibilidade numa direção e a negava em outra, deve ser rejeitado como completamente inconsistente. O resultado dessas considerações é que os psicólogos em geral adotam um paralelismo sem subscrever às bases Spinozísticas, ou a outras bases necessariamente filosóficas, para o paralelismo. Para colocar o assunto de uma maneira simples, eles têm desistido do problema em desespero. Uma simpatia considerável é devida a eles. As perplexidades do problema estritamente filosófico e as complexidades da informação psicológica, sem mencionar as investigações e descobrimentos que ainda devem ser feitas, fazem do desespero um seguro contra a insanidade.

O idealismo tem sido aclamado por fornecer uma solução a essas dificuldades, reduzindo os assim chamados atributos corporais a itens da existência mental. É com relutância que esse dispositivo deve ser julgado como inadequado. Talvez o idealismo, rejeitando a noção de um substrato incognoscível para eliminar o ceticismo, tem sido útil para estabelecer a possibilidade da verdade; contudo, sem importar que esse seja o caso, o princípio essencial do idealismo

² Nota do tradutor: Epifenomenalismo é teoria segundo a qual a consciência é uma consequência de processos fisiológicos

deixa praticamente sem tocar as dificuldades na sensação. A razão é fácil de declarar. Quer os atributos corporais sejam fases da existência mental ou não, há ainda o problema de relacionar os estímulos que chamamos de um objeto sensorial (quer idealisticamente concebido ou não) com as reações motoras por um lado e com o conhecimento discursivo por outro.

Mas pode um escritor tão antigo, para não dizer tão anti-científico, um escritor como Agostinho, avançar o estudo da sensação? A resposta a essa insinuação é que, se os escritores modernos oferecem tão pouca esperança, a ajuda de qualquer fonte deve ser bem-vinda. E embora Agostinho e o Neoplatonismo, do qual obteve inspiração, falhem em responder todas as questões, eles podem possivelmente nos colocar no caminho correto, ao invés de nos deixar num beco sem saída.

Em primeiro lugar, ao invés de tentar explicar a sensação por uma ação do objeto sensorial na alma, esses escritores primitivos preferem pensar que a ação é algo que passa da alma para o objeto sensorial. Dado um objeto sensorial, uma retina saudável e um sistema nervoso, e dado os raios de luz passando através do cristalino dos olhos, não se implica – como algumas visões modernistas e mecânicas levariam alguém a crer – que se produza uma sensação de cor. Pode ficar bastante óbvio que as condições físicas não explicam as distinções de cores. A maioria das pessoas olha para o céu e o vêem azul. Na o vêem verde, roxo ou rosado. As árvores são vistas como verdes, e para algumas pessoas até mesmo os abetos³ são verdes. Porém, se essas pessoas são forçadas a comparar as cores, ou a duplicá-las usando pinturas a óleo, logo estarão vendo [detalhadamente] muitas cores que apenas enxergavam anteriormente. Isso ilustra o ponto de Agostinho de que a sensação depende da atenção e da volição, que é mais nossa compreensão do objeto do que o objeto nos afetando.

Porém, ainda mais, não é meramente a distinção de cores, é a observação de qualquer objeto e o escutar de qualquer som o que se requer atenção. Ao estudar os problemas da sensação, uma pessoa pode se tornar tão fascinada que a sensação se desvanece. Pode ser que os olhos abertos não vejam nada diante deles, e a chamada para o jantar, ordinariamente esperada com impaciência, se torne inaudível. Portanto, a sensação parece requerer uma ação voluntária, e pode ser uma filosofia saudável, bem como uma teologia ortodoxa e um português claro, dizer: Não há cego pior do que aquele que não quer ver.

Admitidamente, essa teoria enfrenta um pouco de dificuldade com uma trovoadas estridente ou uma luz ofuscante; essas parecem ser percepções involuntárias, mas essas dificuldades são muito leves quando se comparam

³ Nota do tradutor: Arvore resinosa da família das pináceas.

com as dificuldades de teorias opostas; tanto que alguém pode esperar com confiança se desfazer delas.

Essa ênfase Agostiniana na ação vital externa, antes do que na ação mecânica interna, parece fornecer uma base melhor para tratar com os detalhes da epistemologia. Em primeiro lugar, poderia remover o abismo que Kant cavou entre a sensação e o intelecto. E a removeria, não regressando ao expediente dos empiristas britânicos, ao reduzir a mente a um complexo de sensações, mas pelo contrário, por reconhecer a atividade intelectual no estado mais simples da consciência. Até mesmo pensadores que têm sido influenciados fortemente pelo empirismo estão começando a reconhecer que a antiga noção de uma pura sensação é uma alucinação. Ninguém, talvez, acusaria F. R. Tennant de ser um Agostiniano, e, todavia, em seu livro *Philosophical Theology* (Volume 1, page 41), ele escreve: “Quanto mais puro concebamos ser as nossas sensações, e quanto mais passivas supusermos que seja a nossa recepção, removeremos ainda mais a possibilidade de uma explicação natural do conhecimento”.

A linguagem do Professor Blanshard de Swarthmore, em sua recente obra *The Nature of Thought* (Volume 1, page 57), sem dúvida será entendida com mais clareza. “Devemos assim construir primeiro o mundo no qual vivemos para fazer com que o escape dele seja concebível. É verdade que não devemos impor no primeiro o que vem depois, porém também é verdade que devemos vê-lo à luz do último, se é que nossa explicação alguma vez há de alcançar de alguma forma o último. Herbert Spencer sugeriu certa vez que as qualidades da sensação poderiam ser explicadas como rápidas tatuagens de choques nervosos que diferem em sua freqüência. Se tais choques são tomados como unidades de consciência, a teoria é instrutiva e interessante; se são tomados como impulsos nervosos, deveríamos estar colocando o princípio do pensamento em algo do qual escapar em *aliud genus* seria ininteligível”. E ele sintetiza esse pensamento de maneira admirável na frase seguinte: “Não explicamos como surge uma coisa ao dizer que foi precedida por algo radicalmente diferente”.

Então, obviamente, o pensamento e o conhecimento não podem ser obtidos a partir da pura sensação; ou, em outras palavras, para preservar uma conexão entre a experiência sensorial e o conhecimento racional, a sensação deve ser entendida como uma forma incipiente de razão. Os dois tipos de ações mentais devem se unir de alguma maneira, e se o empirismo da filosofia resulta em ceticismo, enquanto que na teologia remove a revelação, a única conveniência possível é explicar a sensação em termos de pensamento, antes do que o pensamento em termos da sensação.

Porém, talvez essas observações elementares corram o risco de se tornarem técnicas, e talvez não seja impróprio concluir o discurso com umas poucas

considerações à classe que hoje se gradua. Depois de tudo, é a graduação deles. O conselho dado aos jovens em tais ocasiões como essa podem elevar-se grandiloqüentemente nas nuvens da verdade cósmica, ou pode limitar seu horizonte de forma que possa ver um objeto claramente. Em consonância com o que já tem sido dito sobre o substituir a repetição sem forma de um princípio universal por sua aplicação detalhada, certamente não se seguirá o curso posterior de detalhes definidos.

Vocês que hoje se graduam estão passando de uma escola na qual tem sido necessário trabalhar com aplicação e diligência. Vocês estão passando para outra escola, na qual as missões são consideravelmente mais onerosas, menos explicitamente declaradas, e na qual os exames e as qualificações chegam nos momentos não esperados e de formas com as quais não estamos familiarizados. Existem os problemas de finanças da igreja e de organização congregacional; de pastorear, multiplicar e edificar os santos; e de combater a oposição satânica que ameaça aumentar em força. Em vista disso, deve um orador convidado, confortavelmente localizado, colocar algum fardo sobre vocês? Ou talvez não seja um fardo adicionado; antes, pode ser um meio de tornar mais leve a carga comum de todos nós.

O poder que exercemos, sujeitos a Deus, está razoavelmente calculado para variar diretamente com nossa habilidade mental. Deus tem usado frequentemente instrumentos obscuros e lhes outorgado proeminência temporal; porém, as vidas de Paulo, Agostinho, Calvino e Machen – cujas contribuições têm exercido influência, e continuarão a exercer ao largo dos séculos – nos impedem de colocar um prêmio sobre a ignorância. Portanto, graduados da classe de 1941, a menos que vocês estejam completamente desapontados pelo teor dessas palavras, fazei com que a meta da vossa vida seja o contribuir com algo de genuíno valor erudito para a propagação da fé Reformada. É verdade que os deveres diários do ministro são pesados, e não obstante...

Houve um ministro que não chamava a atenção mais do que seus companheiros, que serviu a uma congregação por quarenta e um anos. Preparava dois sermões e um discurso para a reunião de oração a cada semana. Visitava as pessoas, mantinha contato com as várias congregações; tinha suas crises de saúde e adversidades. Não obstante, com tudo isso, ele conseguiu publicar uns poucos artigos e dois livros, um dos quais era um volume bastante sólido. Comparado com os legados literários de um Hodge e um Warfield, esse registro pode parecer estéril; mas pode estabelecer uma meta recomendável e não tanto impossível para o pastor mediano.

Portanto, repasse em sua mente os campos nos quais é grande a necessidade de educação; selecione o assunto que mais lhe interesse – teologia, epistemologia, literatura ou economia – rejeite corajosamente uma

investigação enciclopédica de todo assunto, mas, antes, decida, de maneira temporária, adquirir alguns detalhes manejáveis; e pergunte se não poderia produzir alguma investigação digna nos próximos dez anos. Não é razoável supor que inclusive um pastor ocupado pode escrever vinte ou vinte e cinco páginas em dez anos? Pelo contrário, talvez alguma alma otimista pense que dez anos é uma estimativa longa demais. Porém, por que discutir? Cinco ou quinze anos – o essencial não é a velocidade, mas a qualidade. E o segundo artigo requereria menos tempo e seria de maior valor do que o primeiro. Para ajudar a cada indivíduo na preparação de tais artigos, a crítica mútua poderia ser obtida para desenvolvimento, não somente uma Sociedade Filosófica Calvinista, mas uma sociedade de investigação de eruditos calvinistas. Desse modo, haveria provisão para o estudo de temas além do alcance estreito da ilustração epistemológica desse discurso. Tal sociedade, se puder produzir uma proficiência técnica, poderia esperar publicar eventualmente esses trabalhos. Porém, para salvar nosso dinheiro para necessidades mais prementes, por que não fazer com que o diabo pague os gastos de nossas publicações? Há numerosos periódicos técnicos que aceitarão ofertas de valor. O cumprir com os seus padrões provará a nossa habilidade, e depois de tê-las praticado, os melhores artigos poderiam ser reunidos, e... e... e planos apropriados poderiam ser executados depois que tenhamos alcançado um reconhecimento genuíno.

Senhor, levante sobre nós a luz do teu rosto,
Oh, envie tua luz e a tua verdade;
Deixe que elas nos guiem.

Traduzido por: Felipe Sabino de Araújo Neto
Cuiabá-MT, 29 de Agosto de 2005.